

**Título :**

**Culturas de risco e práticas arquiteturas e urbanas. Elementos de comparação, Brasil / França / Japão.**

Autores :

Elenilde Cardoso

Arquiteta e Professora

Pós- graduação pluridisciplinar : geografia, urbanismo, sociologia, meio ambiente.

École Nationale Supérieure d'Architecture Paris Val de Seine (ENSA-PVS)

Endereço : 3, quai Panhard Levassor, 75013 – Paris - France

Tel: (33) 1 43364612

Email: [el.ccardoso@gmail.com](mailto:el.ccardoso@gmail.com)

Alain Elleboode

Arquiteto, Urbanista e Professor.

École Nationale Supérieure d'Architecture Paris Val de Seine (ENSA-PVS)

Endereço : 3, quai Panhard Levassor, 75013 – Paris - France

Tel: : (33) 1 43364612

Email: [agence@elleboode.fr](mailto:agence@elleboode.fr)

Christian Nidriche

Arquiteto e Professor

Pós-graduação pluridisciplinar : geografia, urbanismo e sociologia. .

École Nationale Supérieure d'Architecture Paris Val de Seine (ENSA-PVS)

Endereço : 3, quai Panhard Levassor, 75013 – Paris - France

Tel: (33) 1 4364612

Email: [cnidriche@gmail.com](mailto:cnidriche@gmail.com)

## **A territorialidade intersticial dos riscos e as novas situações de projeto na metrópole parisiense.**

### **Resumo.**

No seu crescimento, Paris absorveu e anexou de maneira complexa e variável suas periferias, campos e sítios naturais pelo entrelaçamento de diversas redes de transportes e infra-estruturas necessárias ao seu desenvolvimento. Isto foi portador de novos tipos de urbanizações mas também de funções importunas e poluidoras que o hiper-centro não desejava (ou não mais queria). Um novo olhar sobre estes territórios está emergindo, que poderá colaborar ao desenvolvimento “metropolitano” contribuindo para a entropia da concorrência interurbana. Neste fato se pode detectar uma certa tendência para aproximar-se do risco, natural ou antrópico, possibilitando domesticá-lo, “viver com”, como uma espécie do “síndrome de Estocolmo” do cidadão “metropolitano” em direção ao risco. Isto os conduz a se interessar a novas situações de projeto, que eles colaboram a constituir. Estas obrigam a revisitar as categorias de limite territorial, distinção cidade/campo, interioridade/exterioridade, continuidade/descontinuidade, de densidade, diversidade, « mixtadade » e levam ao desenvolvimento de procedimentos mais estratégicos, pragmáticos, oportunistas, interativos e não lineares, onde o projeto é praticado como um instrumento de análise, negociação e mediação de valor heurístico.

Palavras chaves\_ Novos tipos de urbanização, desenvolvimento metropolitano, risco natural e antrópico.

### **Abstract.**

While its growth, Paris absorbed and annexed in a complex and variable way its suburbs, its countryside and its natural sites by the weaving of various networks and infrastructures necessary for its development. It brought new types of urbanizations but also cumbersome and harmful functions that the hyper-center did not want (or did not want anymore). A new look to these territories is rising, because they could collaborate in the development of “metropolitaine” forms by contributing to the entropy of the interurban concurrence. It could reveal a fad for a nearness of the risk

allowing to domesticate, to "live with" in a better way, a kind of "Stockholm syndrome" of the "metropolitan" city-dweller toward risk. It brings them to be interested in new project consideration, by collaborating to their establishment. It constrains us to reconsider categories of territorial limit, distinction city / campaign through interiority / exteriority of urban fact, urban continuity / discontinuity, density, variety, mixed-use, and urge to develop more strategic, more pragmatic, more opportunist, iterative and non linear processes, where the project is taken as a tool for analysis, negotiation and mediation with heuristics value.

Keywords; new types of urbanizations, development of "metropolitano", risk allowing to domesticate.

## **A territorialidade intersticial dos riscos e as novas situações de projeto na metrópole parisiense.**

### **Metropolização, uma hipótese se concretizando**

A metrópole atual, na sua complexidade e diversidade contextual, mas também sob os efeitos de uma mundialização que produziu suas formas atuais, que ela contribue à sustentar e acompanhar, é animada de agora em diante de dinâmicas territoriais, ambientais e socioeconômicas novas, pelas montagens de seus componentes, portadoras de projetos atípicos em relação aos hábitos anteriores. Esta evolução discreta, mas real, no contexto das intervenções, este « novo dado » para os elaboradores dos projetos em escala urbana, torna-se sensível no quadro da metrópole parisiense e, a análise, a interpretação e a avaliação de suas conseqüências e desafios para a urbanização futura devem ser tomadas em conta tanto no quadro profissional como pedagógico.

« Le Grand Pari(s) » de amanhã, cujo nascimento teria começado, segundo políticos e profissionais, é suposto pertencer ao que François Ascher (2001) chamou de « **metropolização** », para exprimir a **associação de um duplo processo de metropolização e de formação de novos tipos de territórios urbanos**, que eram na realidade hipóteses e não casos concretos. Agora é possível de vê-los emergir, sair de suas « invisibilidades » anteriores e participar da construção de um novo imaginário,

dividido entre os habitantes e profissionais, sobre a habitabilidade dos territórios e a noção de riscos.

A « metapolização » é a **expressão de uma mutação irreversível do urbano**, um limiar da organização social, econômica e territorial onde a metrópole, em tanto que « processo comum resultante da globalização e do aprofundamento da divisão do trabalho à escala mundial » (idem), deve ser o lugar de uma competitividade crescente pela oferta de um mercado de trabalho largo e diversificado, serviços de alto nível e de inúmeros equipamentos e infra-estruturas diversificadas no quadro global de excelentes relações sócio econômicas internacional.

Esta metrópole em mutação deve ser cada vez mais capaz de atrair as populações, as mais diversificadas na sua relação com o urbano mais diverso, mais fortemente qualificadas, que só podem ser feita por meio de uma evolução de suas organizações territoriais permitindo formas novas do processo de urbanização e de crescimento. A emergência cada vez mais reconhecida, de novos tipos de territórios para novos tipos de urbanização exprime notadamente as mudanças de percepção saídas da prática cotidiana dos habitantes, da « dilatação » dos territórios. Esta última mudou o « local » de natureza e de sentido, os observadores do fenômeno metropolitano consideram, na realidade, que as novas « conectividades » que se desenvolvem, se elas diminuíram a importância da proximidade tem, não sem paradoxo, tornado o « local » mais definido, mais orientado, mais estratégico para os habitantes metropolitanos cada vez mais muito sensíveis às multicentralidades, procurando sua identidade e sua função exata no quadro das redes multipolares.

Pela prática cotidiana destas redes em gestação, que eles contribuem a criar através de seus « imaginários em ato », os habitantes mudam cada dia um pouco mais um « local » que não mais abrange, doravante, que realidades sociais fragmentadas. As novas dinâmicas induzidas dependem globalmente do duplo processo de homogeneização e de diferenciação, e o conjunto das disciplinas que estudam a metrópole reconhece como determinante para a formação das formas atuais da cidade. As forças de homogeneização, mesmos atores, mesmos problemas, mesmas lógicas, não devem subestimar a importância crescente das forças de diferenciação ligadas ao desenvolvimento da concorrência interurbana que se afina e se exacerba, dando à diferença um novo estatuto.

Nas novas formações urbanas, que estão sendo construídas, a diferenciação dos territórios e de seus modos de polarização tendem a ser o próprio processo com o qual os habitantes e o conjunto dos atores querem, doravante, jogar para tecer uma urbanidade flexível e performante. O interesse para uma distinção « cooperação » entre lugares do urbano vai, certamente, crescer com o desenvolvimento e a diversificação dos meios de transporte e de comunicação que criam novas modalidades de conexão dos territórios « locais » com o « global » metropolitano.

Esta conectividade em evolução é fortemente a favor de « novas » montagens de componentes das dinâmicas metropolitanas, novos « cocktails » mudando a estrutura, a dosagem e o modo de impacto sobre a evolução da metrópole. Novas dinâmicas demográficas, culturais, diaspóricas emergentes, assim que novas dinâmicas socioeconômicas portadoras da evolução dos comportamentos de novas modalidades para « o viver » e « o trabalhar » juntos ao quadro de uma multiterritorialidade em redes cada vez mais sutis ou mesmo complexas. As dinâmicas ambientais, doravante julgadas essenciais, tanto nos imaginários quanto nos atos, evoluem igualmente nos seus componentes integrando uma cultura do risco, natural e antrópico, complexidade crescente e com representações flutuantes, mas cada vez mais dividida como parte integrante do « viver em metrópole ». Elas deveriam de uma maneira extensa participar nas mudanças de escalas, de organização e de complexidade dos sistemas, na tomada em conta dos territórios e suas governanças.

Mas são as « novas » dinâmicas territoriais que merecem ser colocadas em primeiro lugar questionadas pelos atores da metrópole contemporânea a cargo de sua concepção, da sua planificação e da sua governança, porque elas interferem diretamente e rapidamente com a cultura do projeto contribuindo a constituí-la e a fazer evoluir. Na realidade, estas novas dinâmicas produzem e criam « situações de projeto » atípicas para a cultura constituída das profissões implicadas; é necessário doravante articular de uma nova maneira o longo e o curto prazo, a grande e a pequena escala e os objetivos mais globais às estratégias as mais particulares; isto é, desenvolver em primeiro lugar os procedimentos ao mesmo tempo mais estratégicos, mais pragmáticos e oportunistas.

A noção de projeto volta à ser central mas « diferentemente » pela passagem de procedimentos de concepção onde a realidade urbana futura deve entrar em um quadro predefinido, qualquer que seja a sutilidade e/ou a flexibilidade de interpretação aparente como por exemplo para o projeto urbano « Paris Rive Gauche » que podemos considerar, para a metrópole parisiense, como o ultimo projeto « clássico » propondo de « fazer a cidade » no seio de uma morfologia urbana a fundamentação tradicional, ruas e quadras « desenvolvíveis » por um dispositivo de prescrições. Este tipo de enfoque visando a obter uma ação global, com uma coerência predefinida, procura reduzir a incerteza para atingir « um controle do futuro » perdeu sua pertinência para projetar os suportes da mutação atual em direção a « metropolização ».

A questão aqui de passar, face aos desafios suscitados pelas novas territorialidades em constituição e organização, a uma abordagem de concepção à escala urbana não linear e interativa onde o projeto é considerado, segundo a fórmula de François Ascher (idem), como um « utensílio de análise, de negociação, de mediação » procurando « co-produzir » o quadro referencial e a própria formulação dos desafios, de uma resposta necessariamente específica a uma situação que não é. Nesta perspectiva, o projeto torna-se um « analisador » das situações urbanas, que ele « trabalha » e um revelador de suas potencialidades, notadamente as de um sitio daí em diante, e quase sempre muito especializado, e até agora « invisível », sem « nome », não designado, tais os do corpus que nos iremos analisar como exemplos das novas territorialidades da metrópole parisiense.

Considera-se a questão dos novos sítios como essencial, porque ela é a do lugar, « genes locci » que ressurgem lá onde não mais esperávamos, depois da dissolução aparente do « primado » do espaço na heterotopia crescente ligada aos novos modos de colocar em redes dos territórios. A noção de « espaço específico » a urbanizar retoma uma importância crescente, mais estratégica e mais tática, segundo os momentos e os atores. Neste sentido, o projeto revela, exprime aspirações, pedidos à decifrar das necessidades desconhecidas ou sub-estimadas, ele torna visível e inteligível as lógicas dos diversos interveniente

A « metápole » parisiense « en cours de mise en place » e de desenvolvimento é sempre, uma metrópole de tipo radio concêntrico esperando o

« Grand Paris » que assumiria as novas organizações necessárias ao seu desenvolvimento. Para as potencialidades e o deslizamento de percepção em andamento com os habitantes e os atores da concepção espacial, é necessário voltar sobre o processo de urbanização, à origem da aglomeração parisiense

No seu crescimento espacial, Paris procedeu como toda metrópole : por extensão, absorções, anexações, e sua história urbana, do início do século 19 ao século 21 é marcada pela conquista de sua periferia, campos e sítios naturais pelo entrelaçamento de diversas redes e infra-estruturas necessárias à seu desenvolvimento. Isto produziu novos tipos de urbanização mas também funções, muitas vezes técnicas e industriais, importunas e poluidoras que o hiper-centro não queria (ou não mais queria). Eles « entraram » no território procurando o « caminho crítico », ideal para sua época, dialogando e acompanhando quase sempre os elementos naturais de ruptura, limiar e fronteira que são os rios, florestas e zonas à riscos naturais, que eles reforçaram no seu papel de ruptura et de complexificação dos territórios. Ao mesmo tempo, associaram poluições e riscos complementares e os cortes e desenvolvimentos municipais necessariamente entretiveram estas « fraturas ». A urbanização local dos municípios fizeram geralmente « jogar » com estas rupturas o papel de « deslindar », « em direção a cenografia » ou ainda de usar espaços « relegados ».

Podemos assim, falar de uma verdadeira territorialidade intersticial dos riscos naturais e antrópicos geradores de sítios atípicos complexos que se caracterizam pelo fato que suas diversas qualidade : serviços quase sempre de qualidade, se não excelente, paisagens naturais interessantes e atípicas, localizações estratégicas entre várias centralidades existentes são dependentes, como vimos, aos cortes, fraturas, obstáculos, riscos e incômodos importantes.

Ao longo de seu desenvolvimento, a metrópole parisiense herdou tais lugares, outrora "invisíveis", que são vistos em termos de oportunidades fundiárias, de potencial de desenvolvimento e de organização do território para os municípios implicados, este tipo de sitio é geralmente intermunicipal. Esta mudança do estatuto dos territórios "invisíveis" e esquecidos, gerados pelo desenvolvimento de infra-estruturas da cidade, não envolvidos nas estratégias locais de planificação devido sua intermunicipalidade. Com estatuto de território podendo desempenhar um papel na

formação de novos tipos de territórios urbanos, acompanhando a partir daí o processo de metropolização para formar uma "metapolização", onde a cidade muda de escala e forma, e é portadora de novas situações de projeto à estudar e explorar.

Um novo olhar sobre estes territórios está surgindo, que é necessário de avaliar e refletir, eles podem colaborar no desenvolvimento de formas "métapolitanas" induzindo o duplo processo, antes mencionado, de homogeneização e de diferenciação pela entropia da competição interurbana acentuando assim a importância das diferenças. Está em vias de emergir nos jovens projetistas uma percepção nova dos territórios urbanizáveis capazes, segundo eles, de assegurar esta dinâmica dupla de homogeneização e de diferenciação, alimentando-se da diversidade dos territórios como suporte e "motor" da vida urbana futura.

Essa constatação, vinda de uma experiência pedagógica em « Master em Arquitetura », desenvolvida depois dois anos, levanta mais questionamentos do que os estudantes, livres de sua escolha de terreno de aplicação de seus projetos, de fim de estudos (PFE), identificam sistematicamente e, espontaneamente, os tipos de locais previamente descritos como territórios favoráveis para um trabalhar sobre novas problemáticas urbanas. É uma percepção que parece révélatrice da emergência de novas relações com os riscos naturais e antropicos em meios urbanos. Estes seriam mais "freqüentáveis".

Dignos de uma certa proximidade no cotidiano, suscetíveis de domesticação, até mesmo de serem « habitados».... Esta nova relação sobre a « incerteza » e ao futuro poderia pertencer a certa espécie de « síndrome de Estocolmo » do cidadão metropolitano perante o risco. Pode-se associar essa atitude ao sucesso dos estudantes, das suas problemáticas ambientais relacionadas à noção de desenvolvimento sustentável, uma vez que eles situam estes sítios de risco como « patrimônios naturais » permitindo ao habitante urbano de se apropriar da natureza... Esta visão também confirma a necessidade dos projetistas de visitar as categorias habituais de territorialidade urbana : limites/distinções/continuidades/descontinuidades/densidades/diversidades/mixidades. A sensibilidade dos estudantes ao crescimento rápido da velocidade do movimento tanto de pessoas como das informações e dos objetos constituindo o meio ambiente urbano os leva a se interessar por situações de projeto que eles colaboram a constituir



que os obrigas a refletir, a construir e os obrigando a refletir conosco sobre as possibilidades de novas articulações entre a grande e a pequena escala, entre os objetivos urbanos globais e estratégias locais específicas, sobre a definição de uma urbanidade a longo prazo e uma gestão da cidade « imediata ».

Eles nos levam a desenvolver abordagens mais estratégicas, pragmáticas e oportunistas, que evocamos anteriormente, e o seu interesse pela concepção da cidade a vir. O intercâmbio com eles sobre o tipo de contextos merece afirmar a importância da noção de projeto quando envolve o tratamento de "situações" específicas para uma abordagem de concepção ou análise, diagnóstico e proposta vinculada por uma dinâmica não-linear, interativa e onde podemos considerar o « produto projeto » como uma ferramenta de análise, interpretação, negociação e mediação de um valor heurístico para todos os atores implicados.

### **Sítios especializados, invisíveis, sem nomes sem designação das novas territorialidades da metrópole parisiens**

Cinco projetos de fim de estudos (PFE) concebidos em 2008 e em 2009 nos pareceram característicos destes desafios de concepção e particularmente ilustrativos, pelos sítios escolhidos, a maneira de abordá-los e de construir a partir deles uma problemática local específica ligadas aos desafios metropolitanos atuais, do que se tinha chamado de novas territorialidades, portadoras de situações « novas » de projeto.

Os três primeiros fazem parte de uma dimensão particularmente sensível da metrópole europeia contemporânea, ligada ao rio, como meio potencialmente portador de novas urbanidades. Eles declinam em três casos diferentes: a passagem da escolha do sítio, difícil, até agora inexplorados, mas já fazendo objeto de estudos e de projetos já « existente »; no campo da organização urbana aos sítios até agora invisíveis, mesmo percorridos por importantes infra-estruturais cuja designação como quadro possível para a concepção urbana é característico da emergência de novas sensibilidades para o espaço metropolitano; em seguida, com um caso muito emblemático da « criação/invenção » de novos territórios para viver a metrópole contemporânea.

O projeto seguinte é característico da convergência atual da reflexão iniciada sobre a armadura da região parisiense e a emergência das novas sensibilidades as paisagens da história urbana da metrópole, na designação dos espaços agrícolas e naturais intersticiais como desafio de planejamento multi-escala associando fortemente o local e o global. Em fim, um projeto atípico na cidade densa, demonstra a possibilidade de ultrapassar as programações habituais e a relação tradicional ao existente pela invenção de novos tipos de territórios urbanos a partir do patrimônio industrial em decrepitude ultrapassando a reabilitação industrial clássica, é uma micro leitura metropolitana à escala de interquarteirões.

Estes cinco projetos « marcam » a emergência de uma nova percepção do espaço social, cultural, econômico e físico da metrópole parisiense; percepção se construindo a princípio a partir da identificação/apropriação dos « novos » conceitos que são apropriados pelos jovens arquitetos, de sítios cuja característica maior e essencial é de pertencer à renovação/desenvolvimento da cultura de risco francesa em meio urbanizado, implicando todos os riscos naturais ou antrópicos maiores e os tendo tornados « invisíveis », se não « impensáveis », anteriormente. É esta dimensão transversal, permanente e, intrigante que dá a este corpus de projetos sua capacidade de questionar a noção de « situações de projetos emergentes » e sua capacidade de fazer evoluir os modos de concepção.

Quais são as características e as contribuições dos três projetos ligados à temática « rio/infra-estruturais e metrópoles », para nossa reflexão?

**Novo tipo de centralidade de um espaço atrativo.** O projeto de Nathalie Cauchard intitulado « redes e centralidades » concerne à organização do sudoeste parisiense à margem da Sena, pouco homogêneo e encravada, até atualmente relativamente ignorado e doravante considerado como um desafio potencial de organização, apesar de seu caráter fortemente intermunicipal. A estudante fez uma escolha de « habitante »: ela conhece o sítio e, o reconhece como sendo um território portador de regeneração e de desenvolvimento urbano, apesar das problemáticas variadas e complexas que o concernem, sobretudo em matéria de riscos maiores de inundações e de riscos industriais de poluição. É a conectividade do sítio com a globalidade da metrópole que ela coloca em ênfase, desejando trabalhar, segundo suas próprias palavras, sobre « as potencialidades de ofertas para o desenvolvimento das redes num território fragmentado », e de procurar responder e questiona « como

transformar um lugar intermunicipal residual situado em subúrbio e abandonado pelo crescimento da metrópole em um novo tipo de centralidade e de um espaço atrativo ? »

O sítio atualmente subutilizado, tem limites geográficos, muito mais que municipais seu encravamento e sua submissão a riscos importantes são largamente ligados ao rio e o que a indústria o fez: um « dar-se » a elementos importantes do porto autônomo de Paris. Ele é igualmente, devido a presença de infra-estrutura de transporte regionais, férreo (rede expressa regional, RER e trem tradicional), e auto-estradas. A estudante depois de ter pressentido o interesse de diferentes órgãos territoriais e os procedimentos fragmentados as quais ele é objeto, sublinha o interesse de uma reflexão global sobre esta franja urbana tirada de lógicas estritamente municipais. Em tanto que « habitante », ela remete parcialmente em questão a rede da futura centralidade anunciada pelos estudos à grande escala em andamento, para propor uma reflexão local e um ajustamento ligados a uma interpretação pessoal mais fina do sítio e de seu potencial, sobretudo em relação ao rio e ao seu atravessamento.

A proposição coloca em conexão infra-estruturais de transporte hoje sem relações para servir um novo pólo de atividades e de vida urbana com dominância cultural. O caráter quase totalmente inundável do referido território é integrado ao projeto como portador de uma geografia do risco criadora de morfologia e de organização espacial. O mesmo concerne à presença de risco tecnológico classificando SEVESO e seu « raio de ação ». O respeito da tradição industrial do lugar induz uma lógica de realocização de algumas atividades e uma geografia de planejamento evitando os conflitos de usos. O projeto define uma estratégia de estruturação e de conexão do sítio associando integração as trama existentes e múltipla polarização. Cada elemento do programa é constituído em sub-polo de um conjunto estruturado formando uma centralidade à escala local se integrando na rede micro-regional. securisar, dinamisar e polarisar constituem os objetivos de planejamento tradicional de um sítio totalmente atípico. Este projeto ilustra bem assim os novos territórios a risco recentemente levados em conta, com dificuldade, pelos dispositivos intermunicipais em fase de implantação e inadaptadas aos problemas metropolitanos, e a estudante chamou a atenção onde a questão é « sensível ».

**Entre águas, vegetação e rede de transporte, um sítio metropolitano bom de morar.** Outro projeto, outros desafios são os do projeto do PFE de Daniel Ma

e de Ghiles Djender, intitulado « habitar o quarteirão do quase sobre os lagos de essone », que afirma o objetivo de colocar em « órbita » metropolitana, um sitio ao mesmo tempo « natural » e « artificial » gerado pelo rio e o desenvolvimento de grandes infra-estruturais da metrópole. É questão aqui, como no caso precedente, de um sitio identificado pelos estudantes familiares do lugar, « especialistas » do « viver entre a primeira e segunda coroa » da metrópole. Este sitio é muito interessante pelas suas características, que o torna emblemático dos sítios atualmente quase totalmente fora da percepção do planejamento devido aos riscos naturais de inundações e tocado inteiramente, pelas importantes poluições e riscos ligados às infra-estruturais de transporte e industrial.

Esta « mancha cega » fora das preocupações municipais locais, é o « em direção ao décor » ignorado e desconhecido dos habitantes das municipalidades implicadas, e portanto dotado de duas características importantes ; um duplo serviço de transporte ferroviário e rodoviário, o RER C e a RN7 (estrada nacional nº 7), o colocando à 30 minutos dos centros de Paris, e uma passagem aquática de lagos e do rio cuja artificialidade inicial se transformou em « espaço natural » de qualidade, fazendo parcialmente objeto de uma zona natural protegida, constituindo um lugar de passeio, de lazer e de tranqüilidade. Estes estudantes se interrogavam por que este sitio intermunicipal, no interstício entre três municípios, não poderia constituir o suporte de uma urbanidade específica, pela sua densidade, sua relação com a paisagem e as infra-estruturais, sua implicação numa natureza « domesticada » construída a partir de uma história de abandono das atividades industriais.

Ainda aqui, a dimensão « meio a risco » não alterou em nada o entusiasmo dos estudantes por esta semi-insularidade de península no meio organizado, agrícola e florestal estruturada por uma linha de ferro e uma estrada nacional de grande importância. É a conexão objetiva do lugar com a mesma armadura da metrópole, associada à uma « intimidade » estranha com a água « os lagos e o rio » que chamou a atenção dos estudantes, como um convite evidente para habitar, a sugestão de uma urbanidade « híbrida » possível e entre duas das malhas da rede de transporte metropolitano. Viver ao mesmo tempo « aqui » no meio da natureza domesticada, entre águas e vegetação, mas também no meio do fluxo da rede de transporte. Este trabalho questiona fortemente a noção de « local » / « global-metrolitano » e coloca em valor o potencial do intersticial metropolitano ligado ao casamento do rio, dos « lagos » e das intra-estruturais regionais. Mais esta vez, igualmente, é uma sensibilidade nova

com formas geradas pela metrópole em desenvolvimento que permitiu aos estudantes, contrariamente à instancias locais territoriais, de levar para dentro do quadro da percepção da concepção urbana uma espacialidade atípica dificilmente descritível pela linguagem habitual do projeto.

Esta segunda contribuição portanto traz a reflexão sobre as relações rio/lago/vegetação/infra-estrutura de transporte/metrópole na região parisiense e faz transição em direção ao terceiro exemplo que corresponde plenamente aos desafios « metapolitanos » que a consulta sobre o « Grand Paris » começou a identificar, cernir, e « modelizar » um pouco, para tentar propor possibilidades de controle.

**Uma vida urbana no campo, viver na metrópole parisiense entre rio e floresta.** O terceiro projeto, de Marjorie Glambin, tem uma história muito reveladora do papel que poderia ter a associação das novas dinâmicas territoriais, ambientais e socioeconômicas induzidas pelo processo de metropolização em andamento, para o aparecimento de novas situações de projetos podendo levar a uma urbanidade renovada até mesmo alternativa. O objetivo da estudante era, como anteriormente, um objetivo de « habitante » de transgredir uma relação local ao território, parecendo imutável, e de suscitar uma nova relação às urbanizações vizinhas do rio, da floresta, inovadora e rica de novos usos para os habitantes da cidade de Achères noroeste de Paris. Procurando uma nova forma de existência urbana para uma parte do sitio da maior estação de tratamento de águas da metrópole parisiense, isto é a reconversão parcial de um equipamento extremamente poluente e nocivo que além da mais está num setor parcialmente inundável pelas enchentes do rio Sena.

Anteriormente fora de alcance, este sitio acolheu, por sua segurança, um grande equipamento de tratamento das águas constituindo uma fonte de riscos importantes. O importante projeto atual de reestruturação/deslocalização deste sitio, implicando a restituição de uma parte importante do uso inicial, com suas formas geométricas em concreto, doravante desafetadas, as instalações recentes devendo ser renovadas e reinseridas no contexto de maneira menos nociva. O caso deste sitio em mutação é interessante porque ele chama a atenção sobre a importância dos processos de « reversões » territoriais no desenvolvimento da metrópole, desde que uma função muito penalizante, em termos de riscos antropicos ou naturais, se encontram bruscamente modificados e restituídos ao sitio. É assim, possível de descobrir o caráter estratégico, original e/ou muito específico destes sítios, aptos a suportar novos programas, tais como uma « vida urbana no campo », como anuncia o

titulo do projeto « viver na metrópole parisiense, no campo, entre o Sena e a floresta de Saint Germain en Laye. »

A estudante partiu de uma constatação pessoal e importante, construindo depois sua abordagem: sitio da periferia estrema da região parisiense, marcado pela presença de riscos e poluições maiores, igualmente à escala regional, estreitamente e estrategicamente associado a um meandro fundamental da sena, tem a maior « mancha verde » perto de Paris, a floresta de Saint Germain en Laye. Assim, é um sitio onde a « natureza » a grande escala é a mais próxima do hiper-centro da metrópole; a mutação do equipamento de tratamento de águas usadas vai fazer este território « reaparecer » na percepção dos habitantes e da municipalidade implicadas, como um lugar particular. A sua continuidade imediata ao porto da cidade de Conflans Sainte Honorine sobre uma seqüência na margem norte do Sena, num setor ao mesmo tempo natural e urbanizado. Assim, fortemente inscrito entre floresta e rio, mas mal servido pelas grandes infra-estruturais de transporte, este sitio estratégico oferece um novo tipo de lugar à metrópole em desenvolvimento, ligado à vida « natural » e urbana do rio. A procura de implantação de novos tipos de programas, ele tem um potencial a valorizar e explorar, resta a relativa desconexão das redes de acesso, mas oferece uma « insularidade à viver » e um tempo e um espaço particular.

Com esta análise, a estudante passa um território julgado até então como « impossível » no campo dos territórios abertos a todos os « possíveis » da metabolização do rio. Ela fechara esta demonstração com uma observação que nenhum planejamento não tinha ainda feito: a quase totalidade dos sítios da metrópole dedicados ao cavalo e as atividades que ele induz são perto do rio... apaixonada de equitação ela propôs um programa misto entre formas de habitats ligados à água e um pólo de atividades diversificadas ligadas ao cavalo. Fato remarcável, atestando a emergência desta nova sensibilidade, alguns meses depois, que a estudante fez esta reflexão, o projeto « Sena metrópole, Paris Le Havre » proposto pela equipe Grumbach (2009) no quadro da consulta internacional do « Grand Paris », desenvolve uma forte e particular reflexão da valorização do Sena como eixo maior de estruturação da metrópole do século 21.

Para esta equipe, uma grande metrópole mundial do século 21, como pretende ser Paris e sua região, não poderá existir sem um porto marítimo daí vindo sua análise, diagnóstico e proposição para o « Grand Paris ». Por outro lado a seqüência estratégica da confluência do rio Sena e do rio Oise, à proximidade imediata do sitio

da estudante Majorie Glambin, a equipe Grumbach (idem) associa o projeto do futuro canal « sena-norte Europa » e propõe de realizar um grande porto sobre 500 hectares, vetor de desenvolvimento econômico e isso com um transporte fluvial devendo permitir à metrópole de preservar seu meio ambiente e de economizar energia. A estudante integra esta proposição do seu projeto que desde logo se inscreve plenamente na reflexão sobre os novos territórios ligados ao futuro destes rios e as dinâmicas que eles podem induzir.

Estes três projetos permite de compreender como, no contexto da metrópole parisiense, de novas formas de territorialidades Podem ser « construída » por um olhar diferente de fazendo uma releitura das dinâmicas à « œuvre » da mesma maneira que os campos disciplinares « construísem » e « reconstruísem » o real a partir da evolução de seu referencial. No quadro de suas construções em andamento, eles atestam da importância para a sensibilização dos novos arquiteto ao espaço a organização metropolitana, da estreita associação da geografia intersticial do risco gerado pelo rio, as infra-estruturas e a industrialização que estavam associados, com a persistência teimosa de territórios « indecisos », entre natureza em fase de reconquista e pousos de « jachères » urbanas à espera de vocações.

Se o tema do rio como suporte para metabolização parecem de uma grande importância pela riqueza potencial de situações de projeto que a declinação da sua diversidade contextual pode gerar para o desenvolvimento da reflexão sobre as relações entre cultura de risco e novas situações atípicas de projeto, um segundo tema se impôs na análise como, certamente, determinante para o estabelecimento de novos modos de habitar que devem induzir a metabolização. É os dos territórios agrícolas e/ou naturais que o desenvolvimento do crescimento urbano e das infra-estruturas que as portam, salvaram, conservaram, protegeram, até agora, muitas vezes involuntariamente. O recente surgimento, e muitas vezes espetacular desta espacialidade, quase sempre indefinida e não levada em conta pelos esquemas de planificação nas questões de extração e desenvolvimento da metrópole, caracteriza o debate atual e as mudanças de percepção e interpretação do espaço habitável

**Um habitar agro-urbano no coração de grandes infra-estruturas metropolitanas.** Um quarto projeto, de Arnaud Farin, é característico desta evolução e foi igualmente sua percepção de « habitante » que ele colocou em « œuvre » para identificar um território muito particular, e emblemático dos desafios evocados. É um território agrícola e natural ao mesmo tempo significativo a nível intermunicipal,

doravante encravado por grandes infra-estruturas, um aeroporto internacional (Orly), um mercado de interesse nacional (Rungis), uma auto-estrada nacional (A6), um anel rodoviário (A86). De localização tipicamente intermunicipal (três cidades: Fresne, Rungis e Wissous), o sítio é uma placa de montagem entre três urbanizações que o dão as costas.

Quando o estudante se interessou ao sítio, nenhum projeto estava em estudo e as municipalidades consultadas não tinham objetivo específico pra ele. A presença conjunta de estufas da cidade de Paris, um parque natural, uma verdadeira fazenda (ferme), associados às urbanizações limítrofes e uma trama viária intermunicipal rural confere ao sítio um caráter específico “de lugar rural-urbano” à escala da paisagem. Sua insularidade e sua escala “entre-dois” convida, segundo o estudante, que é muito sensível, a oportunidade de ordenamento territorial inovando o programa original permitindo « habitar uma agricultura urbana » respeitando o caráter semi-rural, assegurando ligações intermunicipais suaves e formas de continuidade entre diferentes urbanizações residenciais cercando o sítio.

Se os riscos naturais são ausentes, os riscos e poluições antrópicos, ligados às infra-estruturas de transporte e equipamentos industriais próximos, necessitam a consideração para determinar as condições de habitar. O estudante procurou integrar a reabilitação do sítio, pensando na criação de um novo tipo de territorialidade, para a metrópole em transformação, inscrevendo-o, pelo seu programa na dinâmica local começada nos estudos do “Grand Paris”, a do “vale das biotecnologias” apoiam-se, entre outros, na presença de um núcleo inicial de laboratórios e de empresas importantes do mesmo domínio, na presença do aeroporto internacional d’Orly e do mercado de interesse nacional, o « marché de rungis ».

Recentemente, um vivo debate relativo ao futuro deste sítio, até então invisível, emergiu soando até na imprensa de grande divulgação, uma polémica cresce sobre o destino deste espaço. Isto caracteriza a entrada “espetacular” e rápida deste tipo de território na percepção que têm doravante os atores intervindo neste tipo de sítios e nas situações de projeto que eles portam. Eles constituem doravante um desafio essencial à escala da metrópole e exprimem sua absorção próxima pelas dinâmicas metropolitanas como espaços estratégicos, sobretudo em relação ao funcionamento das multicentralidades que estão sendo instauradas.

**Revelador de território invisível, reversão/inversão de função.** Por último, um quinto projeto, o de Véronique Gonçalves, encerra provisoriamente a tipologia



territorial começada, propondo um « terceiro tipo », provavelmente tanto fundador para as urbanidades metapolitanas a virem, como reveladores dos territórios invisíveis emergentes pela reversão/inversão da sua função urbana, no coração mesmo da cidade, que pode até mesmo ser densa. O princípio não é novo (ex : “inversão”, devido a constituição da urbanidade, do templo de Dioclétien à Split, na antiga Jugoslavia), mas até agora era a história urbana na sua longa duração que fazia estas mutações. Outro foi o processo proposto por Véronique Gonçalves, morando desde o seu nascimento na « cidade baixa”, modesta, quarteirão do porto e correspondendo à metade inundável da cidade de Ivry-sur-seine, vizinha de Paris e mais precisamente da operação « Paris rive gauche » no 13º arrondissement.

Ela tinha como objetivo trabalhar sobre as relações entre a criança e o espaço da cidade. O seu bairro « assombrado » desde vinte anos pela presença de um gigantesco depósito de imponente estrutura de concreto (vários hectares) para o qual a municipalidade nunca encontrou outro programa e cuja destruição/descontaminação seria demasiado cara. A estudante constata a ausência de lugares de evasão e de expressão para as crianças de um quarteirão muito mineral e que a implantação do depósito, cujo afastamento em relação ao alinhamento sobre a via, gerava uma espessura construtível sobre a rua, capaz de reconstituir as ruas tradicionais com o habitat, sem tocar no depósito.

Ela propõe então de conservar a manutenção quase total do armazém e, de utilizarem em parte, sua estrutura para a criação de um parque na cidade, pouco perceptível a partir do exterior e protegido pela "crosta" de reconstituição das ruas. Este mundo mineral/vegetal equipado dedicado as atividades culturais e lúdicas é a uma escala atípica, insituável "invertendo" a opacidade dos grandes blocos industriais para a invenção/produção de um « território interior » semi-insular tocando escalas diferentes mantendo seu caráter de placa, sua "presença" anterior, mantendo ao mesmo tempo sua conexão com o rio e com os caminhos dos escolares, dos itinerários de « retorno da escola », ...

A proposta ilustra a possibilidade de uma nova tipologia de lugares para o local e global da metrópole no coração da própria cidade. Criação espacial a forte potencial de novos valores de usos fundada sobre a "reviravolta" territorial ao seio da cidade existente e da sua estratificação morfológica. Isso demonstraria que a capacidade de certos territórios, podendo ser constituídos em suportes eficientes e pertinentes para a constituição de urbanidades metapolitanas futuras são

independentes de sua escala e tipo de inserção nas morfologias saídas da história urbana, mas depende de cocktails específicos de componentes locais das dinâmicas territoriais, ambientais e sociais capazes de fazê-los "geradores primários" (no sentido entendido pelos teóricos do processo de concepção arquitetônica) de novas espacialidades para a metápoles do futuro, capazes de suportar o desenvolvimento de novos usos urbanos.

O painel dos projetos de estudantes que acabamos de descrever brevemente fecha provisoriamente um início de tipologia dos sítios ativos no advento de novas situações de projetos. Escalas e contextos variam muito, os "novos" territórios propostos ao projeto metropolitano são de constituição sensível, mesmo frágil e volátil e relevam necessariamente uma leitura atenta e fina da realidade urbana existente, sem um a priori sobre os seus conteúdos, limites e organizações. Esta nova territorialidade em fase de definição, identificação e constituição para o seu consumo pela evolução metropolitana aparece como fundamentalmente ligada a uma evolução/redefinição/reconfiguração da "cultura de risco" em ambiente urbano na região parisiense, entendida como uma relação ao mundo urbano cuja variação é capaz de mover as inércias anteriores, aparentemente intransponíveis, na interpretação da noção de ambiente urbanizável e habitável. O risco natural e antrópico é doravante percebido pelos urbanos como constitutivo da urbanidade em si, como devendo ser freqüentado, domado, domesticado, integrado e colocado em perspectiva.

A larga repartição, por todos os intervenientes do processo de urbanização, especialmente os moradores, das lógicas ambientais e de sua integração nos procedimentos de desenvolvimento urbano sustentável desempenha um papel importante nesta evolução cultural, em relação aos riscos em direção a lógica de mitigação "positiva" e talvez constitutiva de diferentes urbanidades. Os projetos urbanos franceses apoiando o estudo e a implementação desta discreta, mas notável, evolução marca uma mudança na atividade de projeto de grande escala, para processos de planejamento urbano e uma implementação aberta e flexível, pragmática e oportunista na operacionalização dos componentes de sua morfologia. Mas, baseado permanentemente no invisível para permitir uma melhor gestão dos recursos e a mitigação de riscos tornando-os mais habitáveis e de forma mais criativa.

Os arquitetos e Dusapin & Leclerc (2007) responsáveis de estudos, análises, diagnósticos e planos diretores propuseram, sob uma forma prudente e tradicional,

conteúdos finalmente novos e realmente contemporâneos para uma ação urbana em Paris. É uma maneira diferente da que presidiu a concepção de « Paris Rive Gauche », e muito mais próximo do ponto de vista, por exemplo, de um Djamel Klouche (2009) sobre sua participação na consulta do « Grand Paris »,

*"O Grand Paris: hoje a metrópole do século 21 está emergindo como uma presença territorial, cujas características são objeto de todas as especulações. Todas as metrópoles tomam forma e significado na condição que a singulariza », e ele acrescenta, « partimos da constatação que a metrópole do futuro já está aqui e que o fato metropolitano é essencialmente cultural, mundializado e localizado simultaneamente e que seu interesse reside na afirmação da sua natureza multiforme (...) se o urbano e o metropolitano estão sempre lá, é importante doravante, de pensar e de construir a partir das situações que se manifestam. »*

Este discurso descreve muito bem o ângulo inicial de abordagem, tanto os alunos nos seus processos de concepção como a equipe Dusapin e Leclerc no da "Paris Nord-Est". Eles interpretaram e caracterizaram este vasto e complexo território de Paris como sendo a expressão da presença das infra-estruturas de transporte, da circulação de pessoas e mercadorias desde o século 19 e início do século 20. Impondo suas próprias escalas e geometrias, sua própria territorialidade, estas infra-estruturas progressivamente construíram uma situação específica e atípica em relação a « cidade regular » parisiense, uma situação habitável e "comerciável", mas sobretudo introduzindo uma relação a metrópole em constituição, seus fluxos, onde a pulsação econômica e industrial é habitar, freqüentar, domar.

O arquiteto propõem de conservar e respeitar a espacialidade própria à estas infra-estruturas, sua capacidade a estruturar o território segundo dinâmicas inusitadas. As grandes empresas ferroviárias de duas estações parisienses, nos seus entrelaçamentos e desenvolvimentos, foram consideradas como um dos geradores da morfologia espacial à grande escala do território implicado; certos objetos de exceção, como o depósito Mac Donald, de 600 m de longo, foi conservado, reabilitado, transformado, integrado como elementos de escala e de paisagem. O próprio sítio do « boulevard peripherique », será o suporte de uma « floresta linear » participando de uma trama verde à escala metropolitana, e os dispositivos de recolhimento, tratamento e exploração das águas pluviais de escoamento, a fins paisagísticos, foram integrados à trama hidráulica global do território, cujos canais parisienses fazem parte.

É esta integração da história industrial vivente e sempre ativa na sua relação trans-quarteirões à escala micro-regional, associada a uma abordagem ambiental e energética com objetivo de durabilidade e a uma abordagem de « mise en place/mise en œuvre » muito pragmática e oportunista que distingue este projeto como sendo de cultura urbana metropolitana, e não o seu modo de apresentação das formas e organizações projetadas, que permanecem muito tradicional.

Ele se juntou, se assim podemos nos exprimir, a este, na sua postura discretamente inovadora das abordagens dos estudantes, apresentadas como índice de emergência de uma sensibilidade diferente à singularidade das condições locais de uma urbanização contemporânea europeia e que não se deve, doravante, negligenciar a capacidade de produzir a urbanidade, sob a forma de uma densidade máxima em um espaço mínimo. Mas também uma nova sensibilidade para « sentir » situações identificadas e escolhidas para a ação e de associar o local e o global da metrópole, a riqueza de uma singularidade local à riqueza de organizações à escala metropolitana capaz de dar respostas inovadoras a questão de um desenvolvimento sustentável, incluindo, sobretudo uma relação inteligente e imaginativa para a mitigação de riscos maiores e colaboram desta maneira de uma urbanidade onde a relação dos habitantes com lugares será central e portadora de uma "cultura habitante" podendo expressar certa « relação ao mundo » natural e antrópico onde o risco não será excluído.

A percepção de situações urbanas e projetos que elas podem gerar evolui em paralelo no campo da reflexão pedagógica, sobre a impulsão dos estudantes, e no campo da reflexão e da prática profissional, como nas últimas grandes consultas, em particular a do "Grand Paris". Essa percepção renovada faz surgir progressivamente, na prática do projeto, uma cultura nascente da « metapolisation à l'œuvre » que, uma exposição recente sobre as metrópoles milionárias apresentava como descritível por diversas temática (2009) :

*« métropole cooperativa », « métropole intense », « métropole sustentável », mas o tema « métropole substância » nos parece a mais pertinente, pois a definição dada era: « ... tal uma substância, que é continuamente renovada e reconstruída constantemente sua contemporaneidade sobre ela mesma »...*

Isso descreve muito bem esta leitura, compartilhada em nossos exemplos, de urbanidade metapolitana em curso de implantação, como construção cultural tirando sua matéria de um « déjà-là » legível desde que é localizado, menos « saciável » desde que é global, mas sempre potencialmente singular e polimorfo desde que nos

debrucemos sobre ele um olhar atento, questionador, pragmático, oportunista e prospectivo, mas, sobretudo transdisciplinar, nos parecendo caracterizar as abordagens que tentamos analisar.

Nos sublinhamos anteriormente, o tropismo espontâneo dos nossos estudantes com a territorialidade intersticial do risco e dos incômodos na região parisiense traçando um quadro de desenvolvimento de seus projetos, de fim de estudos, na escala urbana. Esta dimensão transversal dos seus trabalhos se junta às preocupações atuais de conceitos profissionais dos grandes projetos a nível territorial, sobretudo os da consulta do "Grand Paris". Isso reforça, a nosso ver, a importância da dimensão territorial do risco maior, natural ou antrópico, nas abordagens de concepção envolvendo temáticas participando às estratégias metropolitanas (ou podendo participar).

Mas tem outra dimensão fundamental das culturas de risco que desempenha um papel essencial no domínio do urbano e muito mais oculta e subterrânea porque situada no centro de nossa « mancha cega » que são as lógicas de riscos não territorializados, "flutuantes" e profundamente integradas por todas as partes implicadas, particularmente as relacionados à concepção/produção do habitat urbano. Elas parecem dever ser designadas como determinantes pelas formas e organizações urbanas de amanhã, e elas não são jamais mencionadas nem mesmo percebidas quando são à « l'œuvre » na concepção.

**Lógicas dos atores da concepção/produção de habitação urbana, lógicas de mitigação de riscos.** As lógicas dos atores da concepção/produção de habitação urbana na França são, e sempre foram, amplamente e sem conhecimento dos próprios atores, lógicas de mitigação de riscos. Através da habitat ação, elas têm um impacto significativo sobre a concepção da cidade, « le champ des possibles ». Será necessário, um dia, se interessar a seus impactos desde que elas se apropriam, desenvolvem e regulamentem a noção de risco, na sua pluralidade contemporânea, para se aplicar a arquitetura urbana da moradia. Numa tal abordagem, será necessário de interpretar a produção da moradia urbana como um espaço privilegiado de integração entre uma « economia projeto do risco » não formulada como tal, e inconsciente de si mesma, e a produção da própria cidade.

Esta cultura do risco integrada e não exprimida no trabalho do arquiteto do habitat, específico a cada contexto social, econômico e cultural, não pode ser ocultada na análise, pois ela tende a ser cada vez mais « dissolvida » e não questionada, o

que não é um pequeno paradoxo no momento em que, como procuramos demonstrar, a cultura do risco aplicada à questão territorial no desenvolvimento metropolitano emerge no campo da concepção urbana e se exprime como uma componente à parte inteira de uma urbanidade metropolitana se pensando doravante "sustentável" e gerente atento do seu meio ambiente natural e artificial.

Por que esse retorno à concepção arquitetural cotidiana do habitat em nossa argumentação sobre a relação entre cultura do risco e mutação metapolitana do urbano? Simplesmente porque, nas evoluções atuais da produção da cidade na França, a habitação continua a ser o elemento chave na sua materialidade constitutiva da urbanidade. Certo, segundo a fórmula de Marcel Roncayolo (1995) « a urbanidade é nas condutas e não nas coisas » ...., no entanto, o processo de produção do habitat pelo setor da construção é extremamente determinante como um lugar de sinergias, colaborações, mediações e negociações entre culturas de atores, com lógicas diversificadas e muitas vezes contraditórias, tendo como ponto importante em comum, de ser, de fato, culturas locais de risco, o que fundamenta a noção avançada « economia projetual de risco » no campo do habitat urbano, e justifica a importância que lhe damos por sua notável inércia própria, largamente determinante dos limites invisíveis aos quais enfrentamos na produção da cidade.

Marcel Roncayolo (idem) muitas vezes nos lembra que, apesar da crescente individualização do comportamento e o papel crescente da lógica de mercado, a cidade continua a ser um negócio coletivo na sua fabricação, sua gestão e seu imaginário. Isto deveria nos encorajar a nos questionar sobre a atual convergência na produção do espaço urbano entre: o "bouquet" remarcavelmente estável e fiel ao passado das culturas do risco componentes na França da produção do habitat, quer sejam de ordem - técnicas, securitárias, sociais, econômicas e financeiras - e a chegada à escala urbana de novas relações com o risco, cuja noção de desenvolvimento sustentável é característica. As incertezas e perigos, doravante transformados em riscos são cotidianamente consumidos e comentados por uma « sociedade de riscos » que é a questão central e permanente frente ao crescimento das incertezas. Na sua obsessão de controle, porém, ela evita de se questionar sobre as lógicas e imaginários do risco incluídas na própria materialidade de um patrimônio habitado e em regeneração permanente cuja lógica de concepção e cujas técnicas "naturalizadas" são questionadas sobre este ângulo, como os 50.000 km de gaseodutos, sob pressão dos quarteirões « Paris Haussman » de Paris que parecem

"naturais" e inofensivos. Assim, viver duravelmente com o risco e o habitar para melhor controlar, tema emergente da metrópole contemporânea, que salientamos a importância e a recorrência nos procedimentos do projeto, já comentados, não implicaria de revisitar a « mancha cega » de nossas culturas locais de risco, desde que elas são reificadas pelas nossas práticas de concepção.

A referência "gás de cidade" à todos os andares, idéia tola, mas eficaz da Europa do século 19, isto não é apenas pitoresco, mas sugere a possibilidade de uma interação da nossa reflexão sobre a economia projetual do risco, na concepção da urbanidade contemporânea pela associação das constatações efetuadas na análise de projetos, a nível territorial, desenvolvendo uma relação as grandes infra-estruturas, a aqueles que acabamos de efetuar sobre a presença central de culturas locais de risco a escala « micro » da concepção arquitetônica da habitação.

Esta ligação interativa, entre as escalas extremas da problemática metropolitana, é a continuidade persistente do modelo de organização espacial vinda da física dos fluidos, cujo impacto trans-escalas é colocada em ênfase, valorizada, explorando, revisitado pelas abordagens de projeto explorando as novas problemáticas urbanas vindas das dinâmicas metropolitanas. Logo que eles propõem, por exemplo, novos espaços para a mobilidade e/ou novas organizações da coexistência dos meios de transporte, eles raciocinam com os próprios fundamentos da organização das cidades a partir do século 19, fundada sobre a lógica de uma imbricação de redes hierarquizadas, já que é o mesmo modelo que foi usado em todas as escalas e todos os tipos de fluxos: saneamento, água, gás, eletricidade, transportes públicos coletivos, automóvel... Impondo a cidade de fluxos e de redes, sobretudo os amplamente suscitados e acompanhados a história do desenvolvimento do espaço público.

Ora, a lógica dos fluxos e das redes é também a lógica dos riscos, num sentido amplo, assim cultura de riscos e cultura de fluxos e de redes eram intimamente ligadas à concepção da cidade, e o são mais do que nunca na urbanidade metropolitana, onde a « função de trânsito » é ao mesmo tempo reivindicada como vital e central, mas também rejeitada como riscos, insegurança, e nocividades, em favor da idéia de « conexões urbanas » mais diretas e controladas, mais especificamente relacionadas à vida local e suas necessidades próprias, eliminando o sentimento de invasão e de ameaça. As mesmas culturas do risco e das redes estruturam e informam a outra dimensão chave da metabolização, a « função de urbanidade » do

espaço público, que o imaginário urbano mais compartilha e vê, ao contrário de seu significado literal de « adequação de um lugar aos seus usos », assim que nos lembra Ascher (2009a), como tendo « à mistura, à variedade, a imprevisibilidade de uma rua, por exemplo, onde o habitante e consumidor quer ter o sentimento de ser a rua e não de estar nela. »

A cidade sempre foi ambivalente, ao mesmo tempo dispositivo de proteções diversas e gerador de vários perigos que, na sensibilidade metropolitana atual transformaram-se em riscos.... As dinâmicas metropolitanas de desenvolvimento urbano assumem e confortam esta dupla natureza, como afirmam teóricos do urbano, tal como François Ascher (2009a),

*... « o desenvolvimento dos conhecimentos e tecnologias, e a circulação acelerada e ampla das informações, aumentam os riscos », e ele acrescenta... « a requisição » da sociedade, ou seja, o lugar crescente tomado pelas preocupações em termos de segurança (...) resulta ao mesmo tempo do crescimento das incertezas (...) e da ambição sempre grande de realizar projetos, de implementar estratégias, de dominar o futuro. »*

**Impacto da nova cultura do risco na percepção do processo de metropolização e seus desafios.** O que encontramos, nos projetos analisados, que confirma, completamente e precisamente o que os teóricos e observadores do fato metropolitano identificaram em relação ao impacto que teria a nova cultura do risco na percepção do processo de metropolização e seus desafios?

Em primeiro lugar, o primado do conceito de "crise ambiental", visto como um conjunto de ameaças pesando sobre o meio ambiente natural. Os conceptores são, como a população habitante, que eles são igualmente, particularmente sensíveis a este novo risco que eles enunciam ao mesmo tempo planetário e muito próximo, inserido no espaço e no tempo do cotidiano. A crescente percepção desta crise como risco demonstra que a relação de nossas sociedades mostra a natureza continua de se transformar, o que colabora com a criação de novas relações com os riscos e a incerteza do futuro, que criam aparentemente, em grande parte, o sucesso crescente das problemáticas do desenvolvimento sustentável. Neste registro, os projetos analisados nos confirmam a importância que os conceptores dão a tomada de posição em relação à "natureza". Isto confirma uma outra constatação de François Ascher (idem),

*« Hoje, o que é 'natureza' é vivido como algo inserido no social, que depende de*



*decisões, que pode e deve ser controlada e protegida. A noção de « patrimônio natural » exprime assim uma atitude (profundamente moderna) de apropriação da natureza pelas sociedades humanas. »*

O mesmo autor, em suas análises do desenvolvimento das metrópoles, escreve que elas surgem tanto por crescimento interno, densificação, estendendo-se na sua periferia imediata e recompondo-se, e por crescimento externo pelo processo de absorção. Este duplo processo cria, segundo o mesmo, « metápoles », distendidas, descontínuas, heterogêneas e multi-polarizadas. Os sítios e situações de projeto propostos pelos estudantes correspondem perfeitamente a essa lógica de metropolização e seus projetos respondem, a distância, a exortação de Ascher (2009a),

*« O urbanismo metropolitano (deve ser) necessariamente variado e não doutrinal, pois ele deve conceber a cidade em diferentes contextos, diversificados, utilizar um vocábulo (e acrescentamos uma gramática urbana) rico e responder a demandas sociais dispares ».*

O que eles acrescentam de importante é a consciência de uma "entropia" do risco e de sua cultura, que eles consideram como estando doravante a uma dimensão normal e incontornável da concepção do urbano. Por esta sensibilidade, mais acentuada do que a das gerações anteriores, eles confirmam na suas escolhas de sítios e suas proposições de projetos à escala urbana, a pertinência das tendências que François Ascher (idem) definiu como devendo afirmar-se na França sob o impacto das abordagens ecológicas respondendo aos riscos da crise ambiental:

- A formação de « caroços » no periurbano e urbano
- A proliferação de centralidades intermediárias
- O desenvolvimento de intermodalidade nos transportes urbanos
- A ênfase da gentrificação de áreas centrais das metrópoles

A relativa facilidade com que eles construíram análises, diagnósticos e propostas urbanas coerentes, envolvendo os três primeiros pontos, como dimensões positivas podendo potencialmente colaborar com uma "nova" urbanidade, pode ser interpretada como associada a uma percepção, a uma "inteligência » talvez mais pertinente, do que antes, dos componentes ativos (no sentido: os mais determinantes para a evolução dos projetos) das dinâmicas metropolitanas à « oeuvre » na região parisiense.

Eles integraram o fato que, "se o comportamento econômico são mais ou

menos elástico, nas cidades, eles são pouco elásticos», para usar o vocabulário da François Ascher (idem), e que as formas e organizações urbanas, evoluem muito lentamente nos países europeus, sobretudo na França. Convém doravante, trabalhar no quadro de uma evolução da cultura de risco permitindo emergir novas territorialidades para uma urbanização, mais flexíveis e mais oportunistas, permitindo ao projeto, de suportar as arbitragens futuras, que os futuros moradores « metapolitanos » não faltaram de fazer entre espacialidades do apropriável e organizações de « intensidades » urbanas, entre suportes da velocidade do movimento e morfologias da densidade, entre dispositivos da intimidade da cidade e arquiteturas urbanas de urbanidade coletiva.

As abordagens apresentadas, participam da construção de uma visão da « cidade dispersa », que François Ascher (idem) dizia que ela seria o verdadeiro desafio futuro, e sua maneira de tentar projetar a renovação e o desenvolvimento urbano sustentável nos meios ambientes atípicos gerados pela metrópole contemporânea em fase de « metapolização ». Os projetos que elas desenvolveram dos "analísadores de situações urbanas" contribuindo a « inventar », reveladores de suas potencialidades. Esta experiência confirmou que o conhecimento do urbano não pode atualmente ser constituir verdadeiramente que na confrontação regular das lógicas de projeto, a condição que os conceptores não esqueçam que o espaço urbano não existe independentemente das práticas sociais. Se esquecermos, saberemos, agora, que os estudantes se encarariam doravante de nos lembrar de uma maneira bem sucedida, e por esta razão nos pensamos que o tempo chegou de começar uma abordagem comparativa, pluridisciplinar e sistemática sobre a base de um corpus de projetos desenvolvidos em três culturas de risco diferentes, Brasil, França, Japão, tanto no quadro da pedagogia do projeto na escala urbana e no quadro profissional.